

Iluminuras

Literatura Portuguesa
e Medievalismo

PAULO ALEXANDRE PEREIRA

EDIÇÕES SÍLABO

Índice geral

Apresentação	7
 <i>Artes de trovar</i>	
Capítulo 1 – <i>Medievalite</i>	
António Nobre e o medievalismo finissecular	11
 Capítulo 2 – <i>Entre o canto e o pranto</i>	
Saudade e filologia no neotrovadorismo de Afonso Lopes Vieira	33
 Capítulo 3 – <i>Ferir pela palavra</i>	
Catarse e <i>contrafactum</i> nas <i>Dedicácias</i> , de Jorge de Sena	59
 Capítulo 4 – <i>Uma «arqueologia produtiva»</i>	
Natália Correia e a tradição trovadoresca	85
 Capítulo 5 – <i>«Não é do cráter sagrado a demanda»</i>	
Lancelote, Robert Bresson e João Miguel Fernandes Jorge	101
 Capítulo 6 – <i>Modos de amanhecer</i>	
Inflexões da alba na poesia portuguesa contemporânea	125

Artes de contar

Capítulo 7 – Medieval, romântica, pós-moderna

Transcontextualização e metamorfose na lenda
da dama do pé-de-cabra 145

Capítulo 8 – «O tesouro»

Do *exemplum* ao conto 179

Capítulo 9 – Paralelismo imperfeito

Tradição e reescrita em o *Físico Prodigioso*, de Jorge de Sena 201

Capítulo 10 – Doenças da santidade

Jorge de Sena e Michèle Roberts 209

Capítulo 11 – *Heart of darkness*

O medievalismo sujo de *O Remorso de Baltazar Serapião* 225

Referências 241

Lugares de publicação original dos textos 267

Apresentação

«The ghosts of the Middle Ages are unquiet» – adverte David Mathews, na introdução ao seu volume *Medievalism. A Critical History* (2015: 1), lembrando, pouco depois, que a vocação dos estudos de medievalismo é justamente a de seguir no encalço destes *revenants*. Sem que a analogia do ressurgimento do medieval com o fantasma que retorna seja propriamente inédita, a sua pertinência explicativa é evidente. Com efeito, na noção de *phantasma*, combinam-se semelhança (ilusória) e recriação (imaginativa), isto é, cópia e distorção, extremos entre os quais quase sempre têm pendularmente oscilado os *remakes* pós-medievais da Idade Média. Desde a sua origem, os estudos de medievalismo elegeram como objeto de inquirição estes retornos do recalcado medieval, detendo-se metodicamente na sua persistência trans-histórica, diversidade artístico-criativa e funcionalidade ideológica.

Tendo visto, sobretudo no decurso das últimas três décadas, consolidados os seus alicerces epistemológicos, autonomia disciplinar e visibilidade académica, o medievalismo, entendido genericamente como o estudo das reemergências modernas e contemporâneas da Idade Média, reivindica como seu *proprium* heurístico um regime de historicidade híbrido, que não hesita em criticamente fazer dialogar passado medieval e contemporaneidade, esquivando-se, sem complexos, ao contrato referencial, de base historiográfica, que subjaz à medievística erudita, e em função do qual é uma Idade Média ‘real’ aquela que se promete reconstituir.

Frequentemente estereotipadas, trivializantes ou mesmo fraudulentas, as reinvenções cíclicas da tradição medieval dizem, como me parece incontestável, muito mais sobre o *Zeitgeist* mudável dos tempos históricos que as geraram do que sobre essa Idade Média historiograficamente pura, defendida – não raras vezes com denodo cavaleiresco e esgrimindo o que reputam ser ponderosas razões de probidade disciplinar – pelos cruzados dos estudos medievais ‘genuínos’. A esses, claro, poderia responder-se com a irónica clarividência de Frederic Jameson:

To a nonspecialist, the Middle Ages appeal, if not to personal taste and idiosyncrasy, then at least to some transpersonal Imaginary, which cannot but be based on stereotype, caricature, prejudice, and misconception if not outright misinformation. I console myself with the conviction that all historical universals are constructed out of just such things (...). (2010: 243)

É essa mesma desconfiança em relação aos «universais históricos» – e a consciência de que, bem vistas as coisas, qualquer Idade Média será sempre apenas *uma* de entre aquelas dez que, em estudo célebre, Umberto Eco inventariou (Eco, 1998) – que, segundo espero, os ensaios agora reunidos em volume permitem tornar inteligível. Não é, pois, o itinerário de um medievista aquele que neles se pretende cartografar, mesmo que a Idade Média «erudita» ou «académica» não seja, de modo nenhum, alheia a estas geografias a partir dela imaginadas.

Na heterogeneidade dos tempos e das circunstâncias em que nasceram, os estudos que agora se publicam em versão revista – e que foram originalmente dados à estampa, ao longo de cerca de duas décadas, em revistas e outras publicações científicas – só podem ser lidos como retrato em movimento (isto é, aproximativo, imperfeito e em devir) daquele que tem sido um trabalho de investigação regular, desenvolvido pelo seu autor, em torno dos fantasmas e fantasias medievais que, em sobrevida discreta ou mais intrusiva manifestação, insistem em emergir na nossa modernidade literária.

Uma palavra final para esclarecer que as *Iluminuras* evocadas no título, para além do explícito reenvio medieval, pretendem ser tradução metafórica do trabalho hermenêutico que nestes textos se pretendeu concretizar: derivada do latim *illuminare* (esclarecer, adornar, realçar, enriquecer, revelar), a palavra retém essa memória consubstancial da luminosidade provinda do ouro e da prata, usados na arte da iluminura medieval. É a essa mesma luz, a um tempo clarificadora do texto e dos espectros medievais que o assombra, que estes ensaios aspiram.

Aveiro, abril de 2021.